

ORIGINAL

Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos

Apoio

Fundação Carlos Chagas Filho de
Amparo à Pesquisa do Estado do Rio
de Janeiro (Processo
nº E-26/200.476/2023-BOLSA),
programa Cientistas do Nosso Estado.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

5 mar. 2025

Aprovado

17 out. 2025

Contribuições de “As obras do amor”, de um autor religioso, à clínica psicológica em situações de suicídio

Contributions of “The Works of Love”, by a religious author, to clinical psychology in situations of suicide

Ana Maria Lopez Calvo de **Feijoo**¹ , Myriam Moreira **Protasio**² 

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Correspondência para A. M. L. C. FEIJOO. E-mail: <ana.maria.feijoo@gmail.com>.

² Pesquisadora autônoma. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Como citar este artigo: Feijoo, A. M. L. C.; Protasio, M. M. Contribuições de “As obras do amor”, de um autor religioso, à clínica psicológica em situações de suicídio. *Reflexão*, v. 51, e2615121, 2026. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v51a2026e2615121>.

Resumo

Com este artigo pretendemos apontar para um fenômeno que nos atravessa no mundo moderno, a ausência de amor comunitário, e mostrar como essa ausência acaba por aparecer em diferentes modos de sofrimento existencial, tomando como guia de reflexão situações em que o suicídio aparece. Para alcançar o objetivo deste estudo, primeiramente recorreremos a Kierkegaard no seu texto *As obras do amor*, na tentativa de refletir sobre as expressões de amor para além daquilo que é compreendido medianamente. A partir dessa leitura, deixaremos que apareça nos escritos desse autor a compreensão de uma forma de expressão de amor que se conhece pelos seus frutos. Apontaremos, neste estudo, o quanto as relações entre os homens na atualidade, pautadas na indiferença, aparecem como sofrimento existencial em que a decisão pelo suicídio se mostra como solução para a dor. A clínica psicológica, em uma relação empática, em algumas situações se mostra como uma medida de prevenção para o ato de pôr fim à vida.

Palavras-chave: Compaixão. Empatia. Kierkegaard. Suicídio.

Abstract

With this article we intend to point out a phenomenon that affects us in the modern world, the absence of community love, and show how this absence ends up appearing in different forms of existential suffering, taking as a guide for reflection situations in which suicide appears. To achieve the goal of this study, we will first turn to Kierkegaard, in his text “Works of Love”, to reflect on expressions of love beyond what is averagely understood. From this reading, we will allow the understanding of a form of expression of love that is known by its fruits to emerge in this author’s writings. In this study, we will point out how relationships between people today, based on indifference, appear as existential suffering in which the decision to commit suicide appears as a solution to pain. Clinical psychology, in an empathetic relationship, in some situations appears as a preventive measure for the act of ending one’s own life.

Keywords: Compassion. Empathy. Kierkegaard. Suicide.

Introdução

Hannah Baker (Asher, 2009), a protagonista de *Os 13 porquês*, escreve para os amigos falando sobre aquilo que aconteceu na relação deles e sobre atitudes que presenciara, tomando esses acontecimentos como as razões pelas quais decidira terminar com a própria vida. No Brasil, o conteúdo do livro foi transmitido em formato de série. A história acontece em uma pequena cidade americana em que a jovem Hannah põe fim à sua vida, argumentando que não suportara mais enfrentar a indiferença com que as relações com o outro se estabeleciam. A narrativa nos mostra o caminho que Hannah percorreu até chegar à decisão de acabar com sua vida, em meio a um conjunto de acontecimentos que a mobilizava. Ela não justifica a sua decisão por meio de determinantes causais nem culpabiliza as pessoas, mas está perdida em meio aos acontecimentos. Em sua última tentativa de compreender o que acontecia com ela, procura um conselheiro de sua escola, que ouve a inquietude de Hannah frente ao ocorrido. Ele diz:

- Veja bem, uma coisa aconteceu, Hannah. Eu acredito em você. Mas se não quer dar queixa e não quer confrontá-lo, você precisa considerar a possibilidade de seguir em frente, deixando isso para trás.
- Deixar isso para trás?
- Ele é da sua classe, Hannah?
- Está no último ano.
- Então vai embora no ano que vem.
- O senhor quer que eu deixe isso para trás?
- [...]
- Obrigada Sr. Porter (Asher, 2009, p. 236).

Hannah constata, na conversa com o Sr. Porter, aquilo que desde um primeiro momento havia experimentado: a indiferença com que as pessoas lidavam com situações de modo inconsequente, mas que, certamente, teria consequências. Essa última tentativa de Hannah levou-a a concluir que, em um mundo em que o outro não tem a menor importância, não vale a pena viver.

Uma moça, certa vez, veio em busca de psicoterapia dizendo que estava ali para conversar sobre a sua vida³. Dessa vez, o desfecho foi diferente do de Hannah, embora a desilusão com as relações humanas fosse um elemento em comum entre as duas jovens. A moça disse que, há muito, vinha pensando em desistir de viver. De repente, descobrira que existir não valia a pena. Já passara por tantas coisas ruins na vida, já assistira a tantas maldades e injustiças que, da última vez que presenciou uma situação de extrema submissão de uma criança à perversão de um adulto, decidiu que viver era coisa para fortes, e ela era fraca, não lhe cabia mais nada a não ser dar fim à sua jornada na Terra.

Obviamente, a psicoterapeuta não quis saber a que maldades ela se referia, também não lhe deu conselho nem esperança, dizendo coisas como “nem todos são maus”, “você poderia encontrar pessoas boas”, “daqui a pouco você poderá ir morar em outro lugar e não terá que assistir esse tipo de coisa” etc. O interesse dela estava todo voltado para ver o que, naquele momento, aparecia para a paciente como motivo para desistir da vida. Aliás, a psicoterapeuta identificava, no que a paciente dizia, indecisão – entre insistir e desistir. Se ela estava procurando ajuda na psicologia clínica, ainda lhe restava uma dúvida, mesmo que longínqua. Ao mesmo tempo, ela dizia: “desisto”. Era preciso seguir sem pressa e sem medo, deixando que aparecesse para ela a sua indecisão. Precisava ver onde se encontrava a sua dúvida.

³ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UERJ (CAAE: 63249922.9.0000.5282, parecer nº 3.214.089).

Pacientemente, como quem se detém na confecção de um desenho, a psicoterapeuta deixou que ela lhe contasse sua experiência, e a acompanhava na medida em que ela a levasse junto na sua travessia. A moça, mostrando-se mais calma e sem tanta inquietação, relata toda a sua experiência de maus tratos, não apenas consigo, mas, principalmente, com outras crianças. Ela assistia, mas não podia fazer nada. Ela dizia insistentemente: “se eu falar, as coisas podem piorar para essas crianças”.

A moça continua a contar que por três vezes tentou terminar com a sua própria vida, mas, nessas tentativas, não sustentou a situação até o momento derradeiro: quando começara a se sentir mal com o que havia ingerido, pedira que alguém a socorresse. Salvava-se, mas, ao retornar ao seu contexto, tudo continuava acontecendo e, na sua impotência, só via à sua frente a morte como um modo de terminar com tudo isso.

Frente ao relato entristecido e indeciso da moça, a psicoterapeuta disse-lhe: “Está claro para mim o que a faz querer morrer, mas ainda não entendi o que a faz querer viver”. A moça pensa por um tempo e responde: “Não quero que essas crianças, que já sofrem tanto, tenham mais um motivo para sofrer. Não quero que elas ainda tenham que levar a dor de que eu, logo eu, que tanto olhava por elas, as abandonei”.

A psicoterapeuta continuou a conversar com a moça e lhe perguntou: “Qual é a importância dessas crianças em sua vida?”. Ao que ela responde: “Eu as amo”. Essa expressão deixou a terapeuta perplexa: as crianças a que a jovem se referia não eram seus filhos, irmãos, alunos; eram crianças da comunidade em que ela vivia. Mesmo assim, ela disse: “Eu as amo”.

A psicoterapeuta lhe disse: “Compreendo como você se sente impotente frente à situação”. Mas, acreditando que onde aparece a impotência, pode aparecer alguma espécie de potência, a psicoterapeuta continua: “De que outros modos você poderia expressar o seu amor para além da atitude de desistência, inclusive da tua própria vida?” A moça fica pensativa e diz: “É algo a pensar”.

O relato do diálogo com a psicoterapeuta e as expressões dessa moça fizeram ecoar em nós, com muita força, questões sobre o que ocorre no âmbito da vida privada, que muitas vezes ignoramos. “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, “roupa suja se lava em casa” – são frases que revelam um tipo de isenção sobre o problema alheio, mas a vida privada do outro importa, e quanto a isso precisamos nos mobilizar de modo a tentar modificar essas situações. Era isso que mobilizava a moça, ela se importava, mas não sabia o que fazer. Com Hannah ocorreu a mesma coisa, a vida do outro importava, mas ela não sabia o que fazer.

A jovem dissera: “Eu as amo”. A sentença ecoou em nós por longo tempo, sobre o amor e a potência que esse afeto carrega. O amor pode salvar? Podemos amar aqueles que não são nossos filhos, alunos e sobrinhos? Que amor é esse a que a moça se referia como um forte elo que a fez desistir de querer pôr um fim à sua vida? Do que falava a intranquilidade de Hannah acerca de sua indiferença e da indiferença dos outros?

Kierkegaard (2005), em *As obras do amor*, refere-se ao amor ao segundo eu como a ausência de amor comunitário, ou seja, de amor ao próximo. Pensamos que o homem atual se volta tanto para si mesmo que só pode enxergar a si próprio em sua dor ou alegria, por isso não pode transformar o que o toma como algo que diz respeito ao nós, ao próximo. Ele se torna prisioneiro da senda do eu. Como diz Kierkegaard (2005, p. 74): “Se trata de afeição ao outro eu, ao outro si mesmo”. Por fim, compreendemos por que há tanta queixa de solidão, desamparo e exclusão com seus desdobramentos: *bullying*, assédio, abandono e desespero.

Procurando aprender o que Kierkegaard (2005) quer nos ensinar em seu texto *As obras do amor*, seguimos o modo como ele aponta para as definições e compreensões medianas sobre

o amor. Acreditamos poder apreender sobre a indiferença que se apresenta nas relações da atualidade, com intensidade e frequência assustadoras e poder, então, compreender aqueles que chegam à clínica alegando querer acabar com a sua própria vida por não suportarem a indiferença com a qual comumente acontecem suas relações. Entendemos que a relação clínica mediada pela empatia, tal como compreendida por Kierkegaard, pode se constituir em uma medida de prevenção ao suicídio.

Kierkegaard em *As obras do amor*: notas de esclarecimento

Kierkegaard, em sua obra póstuma *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor* (1986, p. 24), diz que a relação com Deus “é efetivamente, nem mais nem menos que a vida interior própria de cada homem” vivida em silêncio. Ele esclarece que sentiu necessidade de partilhar o modo como se dava a sua relação com Deus. Mais ainda, julgando que a centralidade da necessidade dessa relação com Deus estava esquecida entre os homens de seu tempo e o quanto eles estavam esquecidos do que significava verdadeiramente ser cristão, Kierkegaard diz que toma para si a tarefa de despertá-los desse esquecimento. Essa tarefa, para ele, era como “uma exigência e um dever religioso” (Kierkegaard, 1986, p. 31): dizer a seus contemporâneos o que ele era, verdadeiramente, como autor, e que sua obra esteve, desde o princípio, a serviço do religioso:

fui e sou um autor religioso, que toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema do tornar-se cristão, com intenções polêmicas diretas e indiretas contra a formidável ilusão que é a cristandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais, cristãos (Kierkegaard, 1986, p. 22).

Seu esclarecimento era necessário na medida em que sua própria obra, tanto naqueles textos assinados por pseudônimos quanto naqueles assinados como S. Kierkegaard, reflete a duplicidade e tensão presentes na existência mesma – entre o caráter estético, imediato de um modo de viver afinado com o mundano e esquecido de Deus; e uma religiosidade iludida, que se pensa ligada a Deus, mas que se expressa em um respeito a dogmas e exigências formais nas quais a relação mesma com a exigência cristã fica esquecida.

Mas qual era a exigência mesma da relação com Deus? Em 1847, em uma obra dedicada ao tema do amor cristão, Kierkegaard (2005) mostraria que essa relação silenciosa do homem com o poder que o criou se evidencia por seus frutos. Se Deus é amor, a relação com Deus é realizada pelo amor, ou melhor, pelos frutos que denunciam a obediência ao dever de amar. Se o tom que vigora nas escrituras é o de exortação, para que o indivíduo realize o dever de amar, Kierkegaard sugere outro tom, o da comunicação indireta e da meditação silenciosa e demorada, não sobre o amor, mas sobre as obras do amor.

Com o livro *As obras do amor: considerações cristãs em forma de discursos*, Kierkegaard (2005) tem em vista um contexto histórico de mudança de regime político monárquico, mais próximo do “Ancien Régime”, para uma monarquia constitucional moderna, e a constituição de um diálogo com seus contemporâneos. Alguns comentadores das obras de Kierkegaard referem-se a esse livro como uma crítica à sociedade de massas de seu tempo, crítica também presente em um movimento que lhe foi contemporâneo, representado por Karl Marx, que apregoava a revolução dos trabalhadores explorados pela explosão industrial do início do século XIX. Kierkegaard identificava uma experiência mais originária naquilo que mobilizava as massas, o desamor. Graças a isso, identificamos nos escritos do dinamarquês um gesto fenomenológico de ir ao encontro da vida mesma em seu acontecimento (Feijoo; Novaes; Protasio, 2019).

Por meio de suas reflexões sobre as obras do amor, Kierkegaard (2005) desfaz a questão posta pela pretensão de conquistar a justiça social a partir da correção meramente material das diferenças e propõe uma revolução por meio do amor. Ele não desconhece que existe a diferença, o eu e o tu, mas defende que não existe meu e teu, uma vez que o eu e o tu não são determinações próprias, nem conhecidas a priori, mas são justamente aquilo que se mostra numa relação transposta, mediada pelo amor (por Deus), que também não tem objetividade nenhuma e não pode ser conhecido de forma direta e de uma vez por todas.

São *considerações cristãs*, pois não se trata de trazer prescrições, e sim de mobilizar reflexões. Kierkegaard (2005) pretende, em uma comunicação indireta, encontrar o indivíduo (o seu leitor) lá onde ele se encontra, iludido sobre o que significa ser cristão, com vistas a tirá-lo de seu modo confortável de pensar, confrontando-o com a tensão e a ambiguidade de sua compreensão sobre o amor. Sobre isso, afirma De Paula:

A temática do amor é algo constante na filosofia desde os antigos gregos, notadamente em Sócrates, mestre da erótica e sedutor de jovens (a quem conduzia à filosofia), em Platão, cujo diálogo *Banquete* tornou-se célebre em toda a tradição filosófica ocidental, e até mesmo em Aristóteles, que explora a teoria da amizade (*philia*), que deve, no seu entender, ser o sustentáculo das relações sociais entre os homens. Entretanto, a obra kierkegaardiana, ainda que faça muitas referências aos filósofos antigos, avança em relação a eles (De Paula, 2018, p. 156).

O pensador dinamarquês mostra que, se no mundo grego destacava-se o caráter erótico e sensual do amor, mais tarde retomado na literatura romântica, o cristianismo aponta para o dever de amar ao próximo, a si mesmo e a Deus a partir do imperativo *Tu deves amar*. Kierkegaard (2005) parte exatamente desse ponto, no texto *As obras do amor*, defendendo que

o sinal definitivo, o mais feliz, e incontestavelmente convincente do amor é, pois, o próprio amor, tal como é conhecido e reconhecido pelo amor em uma outra pessoa. O semelhante só é conhecido pelo semelhante. Só aquele que permanece no amor pode conhecer o amor do mesmo modo como seu amor deve ser conhecido (Kierkegaard, 2005, p. 31).

Garcia-Baró (2006) ressalta que Kierkegaard toma como pressuposto que o Deus presente na Bíblia cristã é amor, e é a partir deste ponto que Kierkegaard conduzirá, de forma demorada, suas reflexões e suas considerações cristãs sobre o limite das forças humanas em apreender de forma adequada sua essência amorosa. Kierkegaard considera que toda relação existencial acontece e se move no âmbito do amor, ainda que no desconhecimento da verdade e da eternidade em sua diferença em relação ao temporal e ao mundo, no qual vigora sua característica predominante de egoísmo.

Buscamos, nas deliberações de Kierkegaard sobre o amor, o que ele tem a nos oferecer sobre a existência em sua condição mais originária de sermos junto ao outro. Sabemos que a forma como Kierkegaard trata o tema do amor tem sido interpretada a partir de perspectivas várias: teologicamente, ou dogmaticamente, o conteúdo tem sido tomado como um preceito cristão. Eticamente, como lei moral que julga e cobra mudanças, ignorando se o indivíduo pode mesmo cumprir essa lei. Esse texto tem sido interpretado também existencialmente, como comunicação dirigida ao indivíduo.

É nesse terceiro sentido que nos apropriamos do conteúdo da obra, assim, ao nos inspirarmos na obra póstuma de Kierkegaard (1986), acreditamos que *As obras do amor* foi escrita como uma comunicação existencial, uma comunicação entre existentes, sob forma de considerações e deliberações em que fala um indivíduo, como indivíduo, para um outro indivíduo, nós, seus leitores, sustentando um espaço para deliberarmos sobre nós mesmos em nossa existência.

Kierkegaard (2005, p. 26) diz que o evangelho não fala de nós, mas a nós, para nos dizer que o amor se reconhece pelos frutos e, por isso, é preciso crer, pois podemos pensar que, “pelo fato de que só existam folhas, que o amor não teve tempo de amadurecer”. É por crer no amor que sempre podemos ver o amor, mesmo onde ele parece não estar. Toda essa obra, de 1847, se desenvolverá nessa tarefa: de crer no amor e, por isso, poder deliberar a favor de seu florescimento naquele indivíduo que ele considera como o *seu leitor*.

O que significa dizer que o amor se conhece pelos frutos?

Recorrendo a *Lucas 6*, versículo 44, que diz: “Cada árvore se conhece pelo fruto que lhe é próprio; não se colhem figos de um espinheiro, nem se colhem uvas de sarças” (Kierkegaard, 2005, p. 21), Kierkegaard está acenando para o caráter oculto do amor, que não pode ser conhecido apenas pelas aparências, de forma que é preciso aguardar que o amor dê frutos para ser reconhecido. Por isso, ele diz: “O amor está sujeito a enganos”.

Não se trata, no entanto, de julgarmos ou determinarmos o que é ou não amor, como se fosse possível encontrar essa resposta fora de um contexto específico. Trata-se, sim, de compreender que o amor tem necessidade de ser reconhecido pelos frutos, que o amor tem necessidade da eternidade, ou seja, da continuidade para que seus frutos possam ser reconhecidos: “o amoroso permanece, ele permanece no amor, conserva a si mesmo no amor, justamente com isso ele faz com que seu amor em relação com os humanos permaneça”, diz Kierkegaard (2005, p. 349). O pensador dinamarquês persiste nessa metáfora para nos dizer que, justamente porque não podemos conhecer o amor diretamente, precisamos crer nele. E mais: sabendo que o sinal mais característico do amor é o próprio amor, ele lembra que é preciso aguardar e permanecer no amor para que ele floresça.

Para Kierkegaard (2005), o que protege o amor de todo engano é o *dever de amar o próximo, a si mesmo e a Deus*. Com isso, o pensador dinamarquês está levantando uma tensão entre o modo como o mundo compreende o que significa amar ao próximo e a si mesmo e o que significa estar protegido de enganos ao tomar o *dever de amar ao próximo, a si mesmo e a Deus* como um norte e uma medida, que sempre pode nos ajudar a compreender se uma obra é ou não uma obra de amor.

Se o mundo entende o dever de amar pela perspectiva da promessa, recorrendo a termos como solidariedade no amor, justiça, recompensa, reciprocidade e empatia, ele está determinado pela medida temporal, dada pelas contingências de um tempo. Kierkegaard considera que o amor deve ser transformado em dever de amar e que é justamente esse dever que liberta o homem de toda justificativa ancorada nas contingências, no orgulho ou no hábito, na posse. Livre das determinações do mundo e do contingente, o homem pode deixar-se transformar pela eternidade do *tu deves* posto pelo dever. A cada situação, é possível encontrar o *tu deves* que realiza a ação amorosa, sendo o dever de amar o que dá a medida da necessidade dessa ação.

Com suas ponderações, Kierkegaard (2005) está dizendo que é preciso pensar e examinar por dentro as nossas ilusões de sentido, alertando que nada é mais fácil do que se extraviar e se enganar. Ele nos lembra que não é preciso muito tempo para sermos enganados, mas que é preciso tempo para tomarmos conhecimento do engano. Por isso, aquela pessoa preocupada em agir de acordo com o dever não se cansa de se examinar, pois o que ela mais teme é descobrir que está enganada, que julgou mal a situação e não agiu de acordo com a necessidade ali presente, ou seja, com o dever de amar. A dificuldade é ainda mais grave se consideramos que, para o mundo, a lei ou o dever é aquilo que o próprio mundo determina, ou seja, aquelas normas que são consenso e com as quais devemos agir de acordo com uma soma inesgotável de prescrições.

Mas, quando Kierkegaard (2005) diz que Deus é amor, ele está apontando para algo não determinado objetivamente, algo que se determina na ação como cumprimento da lei do amor. O modo de tornar pleno o cumprimento da lei é cuidar do próximo como de si mesmo e diante de Deus. Esse cuidado se desdobra. É preciso cuidar: 1- para não ser mais importante aparentar o amor do que ser no amor; 2- para que a intensidade do amor não se mostre cumpridora das regras mundanas, afundando o amor a Deus. Por isso, ele nos lembra que a exigência do amor é dupla: uma exigência de interioridade, para continuamente examinarmos a nós mesmos; e uma exigência de persistência ao longo do tempo: “vagarosamente como demora da eternidade” (Kierkegaard, 2005, p. 159), uma vez que não há garantias e o amor precisa se reconquistar cada vez que a relação exija.

É no âmbito da interioridade, entendida não como cisão com o mundo, nem como abolição do instinto, da inclinação ou dever moral, mas como pregnância no tempo, duração, como criação e transformação interior, que o amor ganha eternidade. Essa persistência e insistência transforma o amor em um assunto do coração e em uma questão de consciência e de aconselhamento com Deus, já que Deus é o próprio amor, a instância intermediária que mede o amor por meio do amor ao próximo. Ou seja, o amor é ele mesmo a medida do amor a nos dizer se nossa ação se deu como cumprimento do dever de amar e, ainda, na medida do que a situação em que estávamos envolvidos requereu, ou se nos desviamos do caminho. Se assim não for, não agiremos de forma compartilhada na medida da realidade e da necessidade da relação. Sobre isso, vamos nos demorar um pouco mais, pensando em disposições da vida relacional, como a empatia e a compaixão.

O amor como a essência da empatia e da compaixão

Empatia e compaixão indicam experiências da vida relacional em uma perspectiva temporal. O que queremos pensar é como a empatia, elemento considerado fundamental na relação clínica, principalmente nas perspectivas humanistas e fenomenológicas, tem como fundamento mais originário o amor tal como compreendido por Kierkegaard, ou seja, o amor que se conhece pelos seus frutos. Assim também compreendemos a compaixão, tal como aparece nas pregações religiosas.

Etimologicamente, a palavra empatia origina-se na palavra grega *empathéia*, formada pela junção de *en* – dentro – e *páthos* – paixão. Segundo o dicionário *Michaelis online*, empatia pode significar a habilidade de se imaginar no lugar de outra pessoa; compreensão dos sentimentos, desejos, ideias e ações de outrem; qualquer ato ou envolvimento emocional na relação com outra pessoa, com um grupo ou uma cultura; a capacidade de interpretar padrões não verbais de comunicação, ou, ainda, sentimento que objetos externos provocam em uma pessoa. De forma resumida, podemos dizer que a experiência da empatia diz respeito à possibilidade de experimentar com o outro seu *páthos* – seu sofrimento, sua paixão –, enfim, de ser afetado pelo outro. Alguns outros termos costumam ser associados a empatia, tais como simpatia, cuidado e compaixão.

Em algumas tradições da Psicologia, tais como a psicanálise, a terapia centrada na pessoa (CPP) e até mesmo a tradição fenomenológica, a empatia é entendida como a capacidade de uma pessoa compreender o outro em seu sofrimento, e de agir de forma a ajudá-lo a se transformar, encontrando meios de se sentir melhor em relação ao que lhe dói. Muitos estudiosos dessas perspectivas têm buscado compreender e aprimorar essa experiência (Protasio, 2023).

O mesmo não se dá com a compaixão que, embora seja uma experiência da vida relacional, raramente está presente nos estudos em Psicologia, talvez com exceção para os estudos que têm por fundamento relações de ajuda em um contexto religioso. Quando recorremos aos dicionários

de português, compaixão aparece como um substantivo feminino que diz respeito ao sentimento de piedade e comiseração com o sofrimento alheio, um sentimento de pena, dó, compaixão pelas pessoas infelizes. Tem também o sentido de pesar e tristeza pela tragédia alheia, fazendo despertar a vontade de ajudar, de confortar o padecente. Em contextos cristãos, o vocábulo compaixão é derivado da tradução da palavra hebraica *ra jam* e diz respeito à demonstração de misericórdia e pena pelas misérias dos sofredores, expressando-se em ação de ajuda ao outro. No contexto do budismo, a compaixão exige que todos sejam tratados como iguais em suas misérias, mobilizando a ajuda ao outro no seu sofrimento.

Segundo Protasio, do ponto de vista etimológico

a palavra compaixão deriva do grego *συμπάθεια* (sympatheia), que indica um sentimento de simpatia, e do latim *Cumpassio*, que enfatiza o sentimento de tristeza. Em nossos dias, além da perspectiva religiosa, a compaixão é também importante no contexto das investigações ético-sociais. Em todas essas interpretações, a compaixão se refere a um valor humano e uma experiência comunitária que combina o poder de sentir o que o outro sente (empatia), com misericórdia para com o *sofrimento dos outros*, e que desperta a vontade de ajudar, de confortar quem dela padece (Protasio, 2024, p. 44).

Nesse sentido, podemos dizer que a empatia e a compaixão são experiências que se afinam com o dever de amar. Kierkegaard (2010) alerta que há que considerar em que medida as ações de ajuda derivadas da compaixão se afinam com aquilo que responde da melhor maneira à necessidade de uma dada situação e se elas refletem sua forma mais fundamental de amor ao próximo.

Kierkegaard utiliza-se também da palavra misericórdia como outra palavra que traz a ideia de compaixão e disponibilidade ao próximo. A palavra misericórdia é constituída por “duas partículas: *miser* – um antepositivo que vem do latim e indica pobreza extrema, miséria, adversidade; e *cor* – de coração, que fala ao coração, que afeta” (Protasio, 2024, p. 54). Tendemos a interpretar o gesto misericordioso como uma forma de remediar toda forma de miséria, de dor e sofrimento, salvando o outro da situação que o aflige. Kierkegaard (2005), no entanto, adverte que, mesmo que se erradique toda a miséria do mundo, é difícil saber se a ajuda se deu realmente em socorro do outro, ou se o socorro foi baseado na noção de carência, em cálculos que mediam o quanto se dá entre os recursos a serem disponibilizados para remediar a miséria. O risco é que se venha a prestar uma ajuda fundada na certeza de que sabemos qual a real necessidade do outro.

Para Kierkegaard (2005), a misericórdia deve ser compreendida como uma obra de amor que é mobilizada pelo coração, pelo que nos afeta, e que se dá na disponibilidade ao outro, mesmo quando não se tem nada a dar nem condições de o fazer, uma ajuda que “é oculto ou está no oculto”, em uma “conexão insondável com a existência” (Kierkegaard, 2005, p. 24), um tipo de conexão que não aparece e, ainda assim, se faz presente. Ele usa como metáfora, mais uma vez, o crescimento das plantas que, ao dar flores e frutos, deixa ver sua qualidade. O “próprio amor, num certo sentido, mora no oculto, e justamente por isso só se dá a conhecer nos frutos que o revelam” (Kierkegaard, 2005, p. 22).

Ao refletir sobre a relação empática ou de compaixão, podemos apontar para uma reflexão: estaria a moça que pensa em suicídio, mas não consome o ato pela sua preocupação com as crianças que ela tanta ama, na empatia, na misericórdia ou realizando a sua obra de amor? Seria seu amor algo como um antídoto à indiferença? Antídoto esse que Hannah não conseguiu inserir em sua existência?

Ainda, pensando sobre a atuação clínica ou religiosa, podemos afirmar que a empatia, a compaixão e a misericórdia apenas ocorrem em sua radicalidade quando não se trata de uma técnica ou simples obrigação ético-cristã, mas quando, na base dessas duas modalidades de relação, estiver presente uma obra de amor?

O amor: antídoto da indiferença e essência da empatia e da compaixão

Ao ler este texto, os leitores devem estar se perguntando: por que iniciar esta apresentação com as duas histórias: Hannah e a moça amorosa, e, depois, seguir pensando sobre o dever de amar, defendido por Kierkegaard (2005)? O motivo desse enredo é que queremos fundamentar o que vamos defender nas particularidades dessas experiências em situações de suicídio. Para tecer mais argumentos, queremos mostrar que a importância do amor nas relações, discutido por Kierkegaard em tantas páginas, está presente também, de forma breve, em outros filósofos e na literatura. Traremos algumas passagens destes autores, na medida em que trazem mais elementos para fortalecer nossa argumentação.

Hannah ressentia-se da indiferença do mundo e se sentia impotente frente a essa atmosfera. A moça amorosa também não suportava ficar indiferente à dor das crianças que ela tanto amava. Se nos inspirarmos em Nietzsche (2007), podemos dizer que Hannah não foi tomada pelo amor *fati*, ou seja, pelo amor ao seu destino. Ela queria que as coisas acontecessem de acordo com a sua vontade, ela foi tomada pelo amor a si mesma. Ela não se afastou da situação, do modo sugerido pelo orientador, mas se afastou definitivamente da vida. A moça que buscou psicoterapia, na indecisão, ora era tomada pelo amor a si mesma e, então, queria desistir de viver; ora era tomada pelo amor ao outro e, por esse amor, decidia viver.

Contamos essas duas experiências porque acreditamos que nenhuma teoria em seu caráter de abstração será capaz de abarcar um ato rico em ambiguidade e complexidade como a decisão ou indecisão de pôr um fim à própria vida. As teorias e as estatísticas mostram-se insuficientes no que diz respeito à experiência do suicídio, a experiência mesma de desejar terminar com a própria vida, bem como a expressão de amor, que trazem a vida ao vivo e em cores.

Albert Camus (2017) iluminou sendas que escaparam aos cientistas nos seus estudos sobre suicídio. Em 1946, Camus escreveu um romance intitulado *A peste*. Ao lermos o romance durante a pandemia da Covid-19, pareceu-nos que o escritor estava retratando a situação pela qual estávamos passando. Nesse romance, a história é narrada na década de 1940, e ocorre em uma cidade chamada Oran. Na descrição dos acontecimentos ficam muito claras as ambíguas e enigmáticas expressões de seus diversos personagens. Toda a banalidade com que os moradores daquela cidade viviam é apresentada no relato do escritor. Mas, uma passagem do texto nos chama a atenção: um dos moradores da cidade, Cottard, encontrava-se na tentativa de suicídio por enforcamento quando um amigo chega à sua casa e retira-o daquela situação. Atenção: a presença de outra pessoa o retira da situação e Cottard desiste de concretizar o ato. Ao mesmo tempo, a peste começa a se alastrar e leva com ela muitas pessoas, ceifa muitas vidas de todas as idades e estratos sociais. Cottard, então, junta-se ao médico Bernard Rieux, esquece-se da pretensão de pôr fim à sua vida e se torna um valente e incansável combatente da peste.

Podemos entender essa radical mudança de Cottard de diferentes modos: podemos ver, claramente, que, antes da peste, ele queria terminar com a vida; durante a peste, ele lutou contra a morte; e, terminada a peste, ele havia se transformado: a vida agora importava, não só a vida dos outros, mas a sua também. Ousamos afirmar que Cottard despertou para a vida quando deixou de ficar tão voltado para si mesmo e pôde olhar para o outro. Arriscamos dizer que brotou nele o amor pelo outro – amor comunitário, como denominado por Binswanger (1977a).

Não queremos, com isso, dizer que o amor seria uma espécie de chave do segredo para que todos desistissem de terminar com a própria vida. Não estamos no caminho de quem aponta uma

solução para as tensões que emergem na vida de qualquer indivíduo, mesmo porque a complexidade de motivos que envolvem essa decisão nos impediria de falar em termos de um critério ou caminho que nos conduziria a uma grande descoberta. Trata-se, apenas, de uma possibilidade que agora apontamos. Mas, o que nos conduz nesse caminho é ver no amor comunitário uma saída pela compreensão sensível da situação em que o outro se encontra. Essa compreensão, esse caminhar, consiste em estar atento à situação, a poder dar escuta paciente e atenta ao que o outro tem a dizer. Acreditamos que essa relação pode ser sustentada pelo conselheiro, pelo médico ou pelo psicoterapeuta, mas também pode se apresentar por aquilo que Kierkegaard (2005) ressaltou como amor ao outro e que Binswanger denominou amor comunitário (Protasio *et al.*, 2021).

Binswanger (1977a, 1977b), por sua vez, assinala que, pelo despertar do amor comunitário nos seus pacientes com diagnóstico de esquizofrenia e com ideação suicida, ele pôde abrir espaço para que alguns pacientes conseguissem sair do amor solipsista ou, como desenvolve Kierkegaard (2005), amor ao segundo eu. Esse modo de abertura para o mundo é pleno de amor a si mesmo, amor narcísico, que, ao tentar negociar com a vida, diz: “Ou é o meu jeito ou então acabo com a minha vida”. Para o psiquiatra, quando sua paciente Ilse consegue amar para além de si mesma e ama o diferente – amor comunitário – ela se liberta – diz o psiquiatra: “cura-se”. Ao contrário, Ellen West, outra paciente, na qual reinava a ausência do amor *fati* – amor pelo seu destino – fecha-se em si mesma e acaba com sua própria vida. Aqui, nos remetemos ao mito de Narciso que, fascinado por si mesmo, ao ver a sua imagem no lago, lança-se nas profundezas das águas para poder se apropriar da sua beleza.

O sociólogo Karl Marx (2006) escreve no texto *Sobre o suicídio* alguns trechos escritos pelo antigo diretor dos arquivos da polícia, Jacques Peuchet. Ele observa que esses trechos informais descreviam incidentes e episódios, dando destaque à vida privada das pessoas que cometeram suicídio, mais especificamente de mulheres oprimidas nas sociedades modernas. Marx (2006, p. 15) utilizava-se de uma expressão para se referir a essa atenção à vida privada: “[...] o privado é político”. Para ele, o suicídio é o sintoma de uma sociedade doente. A sociedade moderna, escreve Marx (2006, p. 16),

é um deserto, habitado por bestas selvagens. Cada indivíduo está isolado demais, é um entre milhões numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosa, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo ser vítima ou carrasco.

Podemos concluir que o sociólogo se refere a uma sociedade que experimenta a total ausência do amor comunitário e, com isso, nasce a intolerância, as polaridades, as competições, o preconceito etc.

Retomando as descrições do início de nosso texto, a Moça amorosa, bem como Hannah, não experimentaram a vida como bestas selvagens. A moça não amava só a si mesma, mas se importava com o sofrimento do outro e dizia “Eu os amo”. Hannah ficava inquieta com a indiferença que reinava nas relações humanas. As ações dessas moças nos requisitam a pensar, a nos esforçar cada vez mais para compreender, ou melhor, poder ver a potência do amor ao qual essas jovens se referiam. Lembramo-nos de um homem que acolhemos após ter tentado o suicídio de um modo tal que o seu intento parecia infalível, mas, como ele mesmo dizia, por sorte do destino, falhou. Ele disse:

Eu chorava muito, passei por muitas pessoas que me olharam e logo desviaram o olhar, queria que uma delas viesse ao meu socorro, mas estava na hora de ir para o trabalho e nenhuma delas poderia se atrasar, suponho. Mas se alguém viesse e conversasse comigo, seria o suficiente para eu declinar de minha decisão. Senti-me só, desamparado.

Feijoo e Noleto (2022) desenvolveram uma pesquisa em que realizaram entrevistas com pessoas que sofreram a perda de alguém próximo para o suicídio. Nessas entrevistas com pais enlutados pela morte de um filho, a dor do luto insiste em não ir embora. Naqueles que multiplicavam a semente do amor deixada pela sua relação com o filho, a dor aparecia como potência para amar o outro. Muitos dos enlutados dedicavam-se a acolher outros pais que também perderam seus filhos e outros se dedicavam a acolher crianças em situação de vulnerabilidade etc. Ou seja, o amor, tal como o da moça, os libertara de arrastar correntes de sofrimento, mágoa e ressentimento.

Lembramo-nos do mito de *Eros* (amor) e *Psique* (alma). Eros havia sido encarregado por sua mãe, Afrodite, de enviar Psique para um destino mortal. Mas, ao ser invadido por um grande afeto amoroso, não deu continuidade à tarefa. Ou seja, o despertar do amor em Eros salvou *Psique* da morte. Na Epístola de Paulo aos Filipenses, há três passagens nas quais o apóstolo mostra o quão atrativo seria morrer (Feijoo, 2021). No entanto, não o faz, por amor a Cristo e à tarefa que lhe tinha sido destinada. Vimos acontecer aquilo que nos diz Clarice Lispector (2010a) sobre o amor imorredouro – que o amor é um afeto que não morre. Por meio desses argumentos, compreendemos um pouco mais sobre porque *Psique* se tornou imortal e porque o amor pode salvar.

Sabemos que o amor foi tema de discussão e debates entre os poetas e os filósofos. Todos se demoraram nas suas reflexões sobre *Eros*. Inspirados naqueles que nos antecederam, começamos a pensar sobre a força do amor e nos interrogamos: será o amor uma força que realiza o salto diante do imponderável, do incontornável? O amor seria o gesto solene capaz de articular o inarticulável? De nos fazermos presentes ao outro na medida da realidade em sua necessidade?

A moça nos mostrou que sim. No entanto, não se trata de amar a si mesmo sobre todas as coisas, mas de amar o outro como se ama a si mesmo. Trata-se do que Kierkegaard (2005) denominou *o amor ao primeiro tu*, sabendo, no entanto, como ele diz, que o amor se conhece pelos seus frutos. Amar ao primeiro tu como o mais próximo, diz do amor daquele que ama o diferente, que não se liga ao outro como uma extensão e realização de si mesmo, mas como alteridade.

Lembramo-nos, mais uma vez, de Clarice Lispector (2010b) na crônica em que se refere a uma espécie de amor que ultrapassa a barreira do amor a si mesmo – o amor solipsista. No conto intitulado *Perdoando Deus*, a escritora nos mostra como ela se encontrava em uma atenção sem esforço, sentia-se realizada com tudo o que via, chegou a amar tanto Deus que referiu-se a um carinho maternal por Ele. Tudo mudou quando ela se deparou com uma ratazana morta, revoltou-se, decepcionou-se com Deus e disse: “o que Ele queria me mostrar?”. Clarice quis se vingar Dele e disse: “Em mim eu não O via mais” (Lispector, 2010b, p. 65). De repente, ela se deu conta que, até então, pensara no amor ao modo do cálculo: “... somando as compreensões, eu o amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente” (Lispector, 2010b, p. 66). Ela queria que o mundo não a escandalizasse. Viu que precisava amar o seu contrário e diz: “o meu contrário quero chamar de Deus” (Lispector, 2010b, p. 67). Clarice conclui: “Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe” (Lispector, 2010b, p. 67). Clarice, na escuta do abissal que revela o inaudível e incompreensível, passa a amar a incompreensão. Viu que amar não diz de um tornar a situação palatável para, depois acolhê-la, mas de acolher o que não é palatável.

Voltemos a Camus (2017), em seu texto sobre a peste, em que ele nos mostra como Cottard saiu de si mesmo e voltou-se para a vida comunitária. Junto a isso, pensemos no que aconteceu com relação ao índice de suicídio durante os meses de março a outubro de 2020, no início da pandemia, quando as previsões com relação ao aumento de pessoas que cometeriam suicídio foram alarmantes. Sher (2020a, 2020b) previa que o isolamento social e os transtornos psicológicos elevariam o risco de suicídio, tanto no período pandêmico como no pós-pandêmico. Ele dizia, ainda,

que as pessoas que fossem acometidas pelo vírus tornar-se-iam mais suscetíveis a comportamentos suicidas, seja pelo temor frente às mazelas que a doença ocasionava, seja pelo risco de contaminar familiares. Ou seja, Sher (2020a) analisava a situação tendo como critério o amor a si mesmo. Mas não só Sher (2020a) compartilha dessa previsão, a Organização Pan-Americana da Saúde (2020) e a Organização Mundial da Saúde (2020) mantinham a expectativa de um significativo aumento nos fatores de risco para o suicídio durante a pandemia e, preocupados com essas previsões, alertaram para a necessidade de pensar em uma previsão eficaz ao suicídio. Seria o amor, ou a obediência ao dever de amar, uma forma de prevenção ao proteger da indiferença as relações entre humanos?

Mostramos, com o relato da jovem do livro *Os 13 porquês* (Asher, 2009), e da moça que buscou psicoterapia mobilizada pela violência contra crianças em sua comunidade, o vazio que é deixado quando a indiferença, e até a violência, passa a ser o afeto que impera nas relações. Recorremos a Kierkegaard (2005), no livro *As obras do amor*, e acompanhamos o modo como ele pensou a relação pela perspectiva do dever de amar ao próximo. Kierkegaard chama a atenção que, para além da indiferença e do desamor, também o amor ao próximo pode não ser, verdadeiramente, amor ao próximo, e ser apenas amor a si mesmo, quando aquele que quer ajudar impõe sua vontade e sua interpretação em uma dada situação. Ele alerta que, diante desse risco, é preciso pensar na possibilidade verdadeira de um amor que não tem a si mesmo como fim último, e que se dá como uma verdadeira disponibilização ao outro, capaz de atrair e sintonizar o interesse pelo interesse do outro, e não como interesse a si próprio (segundo eu). Protasio (2022) ressalta que Kierkegaard aponta para uma dimensão de experiência amorosa que é de uma tal liberdade que sua maior alegria é afirmar o próprio do outro, ou seja, ajudar o outro a se tornar livre para si mesmo.

Pensando nas experiências de empatia, compaixão, amor e misericórdia como genuinamente humanas, toda relação é por elas perpassada. O que se tentou mostrar neste texto é que, embora genuínas, nem sempre se constituem uma ajuda àquilo que o outro solicita, ou melhor, elas se constituem em uma verdadeira ajuda ao outro. Especialmente quando estamos pensando numa relação clínica na qual o pedido de ajuda é explicitado, precisamos estar atentos para o risco de não ajudarmos na medida da necessidade da situação. Lembramos aqui da ajuda do orientador de Hannah Baker (Asher, 2009), no livro *Os 13 Porquês*, que ofereceu seu ponto de vista sem considerar a pergunta da menina e, mais ainda, o que a angustiava e paralisava. É preciso meditar continuamente, de forma a encontrar o “ponto de Arquimedes” (Kierkegaard, 2009, p. 91), que esclarece a totalidade do que está em questão e mobiliza no sentido de corresponder da melhor forma possível ao que emerge como necessidade na situação.

Alertamos, no entanto, que não se trata de um treinamento de habilidades, de treinarmos a empatia, a compaixão ou o amor. A questão é, humildemente, nos mantermos atentos e dispostos ao acontecimento no seu modo de acontecer.

Na clínica, a verdadeira ajuda sustenta-se no amor que se mobiliza pelo *inter-esse* que emerge na relação, numa afinação constante com a originalidade do que é mobilizado, em liberdade e humildade. A ajuda está em poder ver que a relação é feita da implicação e criação entre os envolvidos, e que é essa realidade que sustenta o acontecimento e as possibilidades que ali se abrem. O clínico não é um salvador que sente o que o outro sente e, por isso, pensa saber o que o outro é ou para onde ele deve ir, no que acaba por substituí-lo no cuidado consigo mesmo (Feijoo; Protasio, 2010). O ajudante psicoterapeuta sabe que o que acontece, o que é produzido ou criado na relação clínica é *inter-esse*, caminho a ser percorrido, a ser trilhado, do qual não se sabe nem princípio nem fim. Por isso, a ajuda se dá na fé e entrega ao apelo aberto na relação. Pensar em verdadeira compaixão, em amor ou misericórdia, no âmbito de uma ajuda clínica psicológica,

é pensar nessa entrega, sem ilusões, sem bravatas salvadoras, mas corajosa e livre para o que se mostra como o que precisa ser pensado. Somente dessa forma poderemos buscar o amor que não tem a si mesmo como objeto, mas que é disponibilidade ao próximo, é amor comunitário.

Considerações Finais

Retomando as situações descritas sobre Hannah e a moça e recorrendo às considerações de Marx e à literatura de Camus, defendemos a ideia de que, frente à possibilidade de morrer por efeito de um inimigo invisível que nos alcança, à dor por nos vermos impotentes diante de um ato de injustiça ou, ainda, por nos sentirmos abandonados pela indiferença ao nosso redor, sem sabermos como e porque, passamos a pensar em termos do “nós” com a máxima “eu sou porque nós somos”. Com isso, mesmo que muitos de nós estejamos isolados para protegermos uns aos outros, nos sentimos próximos e solidários na mesma luta, seja contra um vírus que ameaça a existência humana ou contra ameaças que se encontram no entorno dos mais vulneráveis, e tantas outras que nos rodeiam em nosso cotidiano.

Na medida em que somos afetados por esse amor mais essencial, empatizar, ser misericordioso e se apropriar de compaixão deixarão de constituir mera técnica ou obrigação cristã ou, ainda, dever social inflamado pela culpa. Amar sem sentir pena é amar elevando o outro à sua situação humana, em que todos somos iguais, ou seja, aquele que ajuda encontra-se na mesma sintonia daquele que é ajudado. Amar nos dá potência para nos retirar das relações de indiferença, marca da situação histórica e, conseqüentemente, cultural em que nos encontramos.

Com essas considerações, o amor, tal como posicionado por Kierkegaard, seria uma força que nos torna capazes de realizar o salto diante do imponderável, do incontornável. Seria o gesto solene, capaz de articular o inarticulável. Ou seja, o amor, antídoto da indiferença, cuida, tal como nos diz Manoel de Barros (2016), sobre que é necessário cuidar para curar as feridas que a vida fez.

Referências

- Ascher, J. *Os 13 porquês*. São Paulo: Ática, 2009.
- Barros, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- Binswanger, L. El caso de Ellen West. Estudio antropológico-clínico. In: May, R.; Engel, E.; Ellenberg, H. (org.). *Existencia: nueva dimension em psiquiatria y psicologia*. Madrid: Gredos, 1977a.
- Binswanger, L. La locura como fenómeno biográfico y como enfermedad mental: el caso Ilse. In: May, R.; Enge, E.; Ellenberg, H. (org.). *Existencia: nueva dimension em psiquiatria y psicologia*. Tradução Sánchez Pacheco. Madrid: Gredos, 1977b.
- Camus, A. *A peste*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- De Paula, M. G. O amor em Kierkegaard: do amor erótico ao amor ao próximo. *Rapsódia*, v. 1, n. 4, p. 155-171, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/152666>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- Feijoo, A. M. L. C.; Noleto, M. O imensurável do luto materno. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 42, e240345, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1422363>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- Feijoo, A. M. L. C.; Protasio, M. M. Os desafios da clínica psicológica: tutela e escolha. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 16, n. 2, p. 167-172, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200006. Acesso em: 21 fev. 2024.
- Feijoo, A. M. L. C.; Novaes, R.; Protasio, M. M. Da possibilidade pré-ontológica da Fenomenologia ao sentido fenomenológico do gesto. In: Feijoo, A. M. L. C.; Lessa, M. B. M. F. (org.). *O gesto fenomenológico: corpo, afeto e discurso na clínica*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2019.

- Feijoo, A. M. L. C. de. *Suicídio e luto*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2021.
- Garcia-Baró, M. Presentación. In: Kierkegaard, S. A. *Las obras del amor*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.
- Kierkegaard, S. A. *A repetição*. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 2009.
- Kierkegaard, S. A. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Petrópolis; São Paulo: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2005.
- Kierkegaard, S. A. *O conceito de angústia*. Petrópolis; São Paulo: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2010.
- Kierkegaard, S. A. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- Lispector, C. Amor imorredouro. In: Lispector, C. *Clarice Lispector na cabeceira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010a.
- Lispector, C. Perdoando Deus. In: Lispector, C. *Clarice Lispector na cabeceira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010b.
- Marx, K. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- Nietzsche, F. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Editora Escala, 2007.
- Organização Mundial da Saúde. *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária*. Genebra: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/documents/d/saude/oms-manual-de-preven-c3-a7-c3-a3o-do-suic-c3-addio-para-aten-c3-a7-c3-a3o-prim-c3-a1ria>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- Organização Pan Americana da Saúde. Pandemia de COVID-19 aumenta fatores de risco para suicídio. *Organização Pan Americana da Saúde* (OPAS), 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/10-9-2020-pandemia-covid-19-aumenta-fatores-risco-para-suicidio>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- Protasio, M. M. O Amor se conhece pelos frutos: considerações de Kierkegaard sobre as Obras do amor. In: Feijoo, A.M.L.C., *Reflexões sobre o luto e práticas clínicas: Atendimentos clínicos supervisionados pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e Estudos de Convidados*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2022. p. 19-50.
- Protasio, M. M. O aspecto retraído do entre da relação clínica. In: Protasio, M. M. (org.) *Entrelaçamentos: perspectivas clínicas em Psicologia. Uma homenagem aos 70 anos de Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2023. p. 19-43.
- Protasio, M. M. Haufniensis e a verdadeira compaixão: reflexões para a clínica psicológica. *Revista Instante*, v. 6, p. 41-56, 2024. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/revistainstante/article/view/3288/2297> doi: <https://doi.org/10.29327/2194248.6.1-4>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- Protasio, M. M. et al. A importância do amor na prática clínica de Binswanger. *Acta Psiquiatr Psicol Am Lat*, v. 67, n. 3, p. 201-215, 2021. Disponível em: <http://www.acta.org.ar/04-WebForms/frmResumen.aspx?IdArticulo=1471&Abonado=>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- Sher, L. Are COVID-19 survivors at increased risk for suicide? *Acta Neuropsychiatrica*, v. 1, n. 1, 2020a. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/acta-neuropsychiatrica/article/are-covid19-survivors-at-increased-risk-for-suicide/E43AFE16E1EF0D2957BD00370536C528>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- Sher, L. Individuals with untreated psychiatric disorders and suicide in the Covid-19 era. *Brazil Journal Psychiatry*, v. 43, n. 3, 2020b. Doi: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-1210>.

Colaboradores

Aquisição de financiamento, supervisão, escrita – revisão e edição: A. M. L. C. FEIJOO. Conceituação, análise formal, investigação, metodologia, escrita – rascunho original: M. M. PROTASIO.